

PUBLICAR, PERECER: O IMPACTO DA PANDEMIA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAS MULHERES NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

*PUBLISH, PERISH: THE IMPACT OF THE PANDEMIC ON WOMEN'S
SCIENTIFIC PRODUCTION IN COMMUNICATION' FIELD*

*PUBLICAR, PERECER: EL IMPACTO DE LA PANDEMIA EN LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA
DE LAS MUJERES EN EL CAMPO DE LA COMUNICACIÓN*

**LAURA WOTTRICH¹
MILENA FREIRE DE OLIVEIRA-CRUZ²
ANTONIA HAAG³
NATHÁLIA DA SILVA BRUM⁴**

Submissão: 30/09/2022
Aprovação: 03/07/2023
Publicação: 03/11/2023

¹ Doutora em Comunicação e Informação (UFRGS), Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Laboratório de Experiências Metodológicas na Comunicação e vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Práticas Culturais (UFRGS/CNPq).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3876-0198> – E-mail: lwottrich@gmail.com

² Doutora em Comunicação (UFSM), Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação, Gênero e Desigualdades (UFSM/ CNPq). Embaixadora do Movimento Parent in Science.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5513-3837> – E-mail: milena.freire@ufsm.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM) com bolsa CAPES/DS (2022-2024). Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial (2018-2021) pela mesma instituição. Pesquisadora do grupo Comunicação, Gênero e Desigualdades.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6576-8665> – E-mail: antonia.haag@acad.ufsm.br

⁴ Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Foi bolsista PIBIC/CNPQ no projeto “Romântica, real e ativa: narrativas pessoais e interações sobre a maternidade nas redes sociais” e pesquisadora

voluntária no projeto “Ser mulher e ser pesquisadora no campo da comunicação: entre papéis sociais e desigualdades na esfera do trabalho e da produtividade acadêmica”.

E-mail: dsbnathalia@gmail.com

RESUMO

O artigo discute de que modo os critérios de produtividade são atravessados pelas desigualdades de gênero no campo científico da Comunicação e como isso incide diferencialmente para homens e mulheres pesquisadoras no contexto da pandemia de Covid-19. Para tanto, entende-se que a configuração do produtivismo acadêmico reflete a lógica meritocrática e neoliberal que se consolidou na academia nas últimas décadas, sendo o cenário da Comunicação ainda não explorado. Metodologicamente, o estudo realiza uma revisão bibliométrica junto aos Programas de Pós-Graduação em Comunicação de referência no país, que obtiveram nota 6 ou 7 na avaliação quadrienal da Capes (2013-2016). Os dados refletem o retrato de um período em um cenário dinâmico e evidenciam a persistência das assimetrias de gênero e a necessidade de encampar o debate em torno dos critérios de excelência e produtividade.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Ciência. Comunicação. Produtivismo.

ABSTRACT

The article discusses how productivity criteria are crossed by gender inequalities in the scientific field of Communication and how this impact differentially men and women researchers in the context of the Covid-19 pandemic. Therefore, it is understood that the configuration of academic productivism reflects the meritocratic and neoliberal logic that has been consolidated in academia in recent decades, with the context of Communication still unexplored. Methodologically, the study carries out a bibliometric review of the reference Postgraduate Programs in Communication in the country, which obtained a score of 6 or 7 in the four-year Capes evaluation (2013-2016). The data reflects the portrait of a period in a dynamic scenario and shows the persistence of gender asymmetries and the need to take up the debate around the criteria of excellence and productivity.

KEYWORDS: Gender. Science. Communication. Productivism.

RESUMEN

El artículo discute cómo los criterios de productividad son atravesados por las desigualdades de género en el campo científico de la Comunicación y cómo esto impacta de manera diferente los investigadores e investigadoras en el contexto de la pandemia de la Covid-19. En este sentido, se entiende que la configuración del productivismo académico es reflejo de la lógica meritocrática y neoliberal que se ha consolidado en el mundo académico en las últimas décadas, quedando aún por explorar el escenario de la Comunicación.

Metodológicamente, el estudio realiza una revisión bibliométrica con los Programas de Posgrado en Comunicación de referencia en el país, que obtuvieron calificación 6 o 7 en la evaluación cuatrienal de Capes (2013-2016). Los datos reflejan el retrato de un período en un escenario dinámico y muestran la persistencia de asimetrías de género y la necesidad de retomar el debate en torno a los criterios de excelencia y productividad.

PALABRAS CLAVE: Género. Ciencia. Comunicación. Productivismo.

INTRODUÇÃO

Este artigo é continuidade de um projeto mais amplo dedicado a compreender a relação entre gênero e Comunicação a partir da constituição de seu campo científico. Embora a discussão de gênero tenha ganhado maior interesse das pesquisadoras e pesquisadores da Comunicação nas últimas décadas (HAAG et al, 2020), ainda são escassos os olhares voltados ao próprio campo, ou seja, que discutem as dinâmicas de gênero não a partir dos objetos ou epistemes, mas como uma lógica que atravessa os próprios modos como o conhecimento comunicacional é delineado e de que forma isso afeta seus agentes.

Nos dedicamos aqui a aprofundar uma das facetas dessa discussão, a lógica da produtividade acadêmica na produção científica do campo comunicacional, a partir das dinâmicas de gênero. Inicialmente discutimos a construção da ciência e sua cumplicidade com parâmetros de produtividade alinhados com uma lógica neoliberal e androcêntrica de trabalho, que perpetua assimetrias de gênero. Como os engendramentos entre produção científica e gênero sempre atravessados pelo contexto cultural e social marcados pelo tempo histórico, temos consciência que a reflexão aqui proposta é um retrato de um cenário que é dinâmico – por isso, uma leitura sempre provisória. Para isso, analisamos a produção acadêmica dos Programas de Pós-Graduação de referência no campo (com nota 6 ou 7 na última Avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação no Brasil) e problematizamos de que modo o contexto da pandemia de Covid-19 afetou a produção acadêmica e o que isso pode revelar sobre a persistência das desigualdades de gênero nesse espaço.

Uma pandemia coloca-se como um fato total (BASCHET, 2020) de origem inicialmente biológica, mas configuração centralmente social, pois é um fenômeno

caracterizado por nossa forma de entendê-lo, elaborá-lo. No âmbito da inscrição na vivência das pesquisas, emergem situações como a interrupção de processos de investigação marcada pelas contingências do cenário de distanciamento social; o cultivo da incerteza, algumas vezes em choque com a necessidade do trabalho científico que exige, constitutivamente, a capacidade de pré-figuração e a imaginação criadora (WOTTRICH, 2022). Além disso, tem-se a retração da atuação pública dos pesquisadores e pesquisadoras para a esfera doméstica, cujas consequências possuem intensidades diferentes e, por que não dizer, desiguais para eles e para elas. Inicialmente, trazemos a discussão mais geral sobre gênero e ciência para depois discutir especificamente os critérios de excelência e de produtividade e suas implicações quando situados em contextos sociais adversos, como a pandemia. A metodologia e discussão dos dados é apresentada na sequência, com recorte nos PPGs em Comunicação de referência e seus docentes.

GÊNERO, EPISTEMOLOGIA E CIÊNCIA

O projeto em desenvolvimento tem como pressuposto a ideia de que a ciência é uma construção social (VELHO E LEÓN, 1998) e, por isso, atravessada por tensões de ordens diversas, matizadas historicamente. Entendemos, contudo, que essa construção não é universal – em que pese, as narrativas que buscam homogeneizá-la nesse enquadramento – mas sim delineada a partir dos contextos sociais particulares em que a atividade científica de determinada área do conhecimento se desenvolve. Analisamos, assim, as modalidades de operação da atividade científica a partir da noção de campo (BOURDIEU, 1983), ou seja, a configuração de um espaço particular, que confere legitimidade a seus agentes, cujo discurso passa a ser dotado de certo simbolismo e validade superiores. Esse campo possui suas especificidades e dialoga/se tensiona com outros campos do conhecimento, cuja associação precisa ser lida necessariamente em chave relacional.

Partimos, então, da ideia da constituição de um campo da Comunicação (VASSALLO DE LOPES, 2003), no qual se situa o subcampo científico. Este subcampo possui

especificidades, mas suas bordas são delimitadas no diálogo e relação estabelecidos com outros campos do conhecimento. Como um campo científico, a Comunicação é imersa em embates em torno das posições de autoridade e legitimidade, tributários a uma construção histórica dominante sobre a ciência. O modelo epistêmico hegemônico poderia ser situado, conforme argumenta Juliana Góes (2019) como (neo)positivista, lastreado em uma concepção de método que se torna avalista da neutralidade e da objetividade que chancelariam a prática científica. No decorrer do século XX, não foram poucas as vozes a questionarem essa perspectiva hegemônica de ciência, cuja definição de conhecimento, de fato, deixava à margem saberes, experiências e práticas que não são delimitados por critérios tidos como basilares desse habitus científico.

As epistemologias feministas emergem, então, como uma perspectiva questionadora desses pressupostos, com a ideia de que “para além de pensar no progresso da ciência, precisamos progredir dentro da ciência” (GÓES, 2019. p.2). Uma reflexão frequente se volta para a neutralidade científica, que traz consigo uma suposta racionalidade e objetividade – parâmetros de rigor e legitimidade da ciência hegemônica. Nesta chave de discussão, é necessário problematizar essa noção de neutralidade e sua aguerrida defesa em certos ambientes acadêmicos mais conservadores, o que, ao cabo, contribui para a manutenção de hierarquias que sustentam visões de mundo hegemônicas. Maria Margaret Lopes (2012) afirma que a objetividade da ciência é um tema que as teóricas feministas perseguem, desde que se questionou que “objetividade” poderia ser uma palavra “em código” para dominação.

No escopo dessas discussões, um conjunto de trabalhos tem se dedicado a compreender de que modo esses embates na configuração dos campos científicos atravessam as práticas dos agentes que estão socialmente situados neles – os pesquisadores e as pesquisadoras. Se entendemos que o campo científico se forja a partir de uma construção social e que tal construção é atravessada por hierarquias de gênero, é de se imaginar que isso impacte também as expectativas e trajetórias de seus agentes. Hildete Melo e André Oliveira (2006), por exemplo, afirmam que o sistema científico e tecnológico, sob a aparente

neutralidade da ciência, ignora que mulheres e homens têm trajetórias diferenciadas e, sob esse paradigma, iguala os não iguais no acesso às carreiras científicas. Desigualdades como de classe social, raça e gênero são fatores decisivos – especialmente no contexto brasileiro, onde há uma disparidade social proeminente – para compreender trajetórias acadêmicas.

Segundo levantamento feito por Léa Velho e Elena León (1998), muitas vezes as desigualdades de gênero não são percebidas pelas mulheres que estão no ambiente acadêmico. Elas argumentam que o avanço na carreira é visto como pouco competitivo, uma vez que a promoção ocorre por pontuações individuais, que independem dos resultados de colegas de trabalho. Ao mesmo tempo, várias cientistas entrevistadas pelas autoras apontaram que a discriminação contra as mulheres se faz sentir, especialmente na busca de cargos administrativos.

Quando o foco recai sobre o campo da Comunicação, a escassez de discussões (HAAG et al, 2020) exige um olhar exploratório para compreender as especificidades das dinâmicas de gênero nesse contexto. Em um mapeamento inicial (HAAG et al, 2020) identificamos que, embora as mulheres sejam maioria entre as docentes e estudantes dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação brasileiros, elas ocupam com menor intensidade os espaços mais prestigiados, como bolsas de pesquisa ou direções de instituições de referência. Neste texto, o nosso foco recai sobre uma atividade vital à própria sobrevivência do campo e à manutenção dos capitais em disputa: as publicações em periódicos.

EXCELÊNCIA ACADÊMICA E GÊNERO

A concepção de ciência como uma construção social, cuja face atual é fortemente vinculada a lógicas androcêntricas e sexistas, nos instiga a problematizar uma dimensão específica das trocas empreendidas no campo científico, relacionada à produtividade/productivismo expressos, sobretudo, em indicadores relacionados às publicações científicas.

A ênfase quantitativa como baliza assentada na lógica produtivista neoliberal resulta na produção constante e intensa por parte de pesquisadores e pesquisadoras que objetivam publicar para não perecer (PRADO E FRANÇA, 2013, 2013, p. 39). Compreendendo que as avaliações de desempenho acadêmico são baseadas em “indexações, indicadores de impacto científico e impacto citacional, através de dados bibliométricos (...)” (OLIVEIRA et al, 2020, p. 2-3), observa-se que a valorização quantitativa da ciência impacta a prática científica e os seus pares de diversas formas. As consequências do produtivismo acadêmico, já discutidas por diversos autores, apontam para o comprometimento da qualidade científica e esvaziamento das discussões da área ao não aprofundar as investigações (PRADO E FRANÇA, 2013, p. 80). Percebe-se, então, o produtivismo acadêmico como “decorrente do risco de que o produto final da pesquisa científica (a publicação) se transforme em um fim em si mesmo e não em um resultado decorrente do processo de produção de conhecimento” (PATRUS et al, 2015, p. 2).

O imperativo faz parte de uma prática internalizada pelos pesquisadores e pesquisadoras a partir de uma racionalidade neoliberal muito mais ampla, que incorpora todas as dimensões sociais em práticas de competitividade (DARDOT E LAVAL, 2016). Já que não existe nenhuma “evidência empírica de que publicar muito aumenta a qualidade, ou (...) garanta ao autor uma posição de referência”, cabe à pesquisadora e ao pesquisador “temer pelo esvaziamento da qualidade provocado pelo produtivismo (...), o que pode comprometer a credibilidade do autor” (PRADO E FRANÇA, 2013, p. 80).

Além da credibilidade ou eventuais máculas à excelência científica pretendida, “a pressão por produtividade constitui-se em mecanismo de constrangimento coletivo por meio de instrumentos aparentemente objetivos e neutros” (PATRUS et al, 2015, p. 2) e também comprometem a saúde física e mental dos pesquisadores, promovendo a ruptura de redes de solidariedade no ambiente acadêmico (ZANDONÁ, CABRAL E SULZBACH, 2014). Além da pressão para publicar muito, há a preocupação em “publicar bem”, ou seja, em periódicos que, pelos parâmetros de excelência, gerariam maiores dividendos na moeda produtivista.

Convém perceber que essa pressão não é parte de uma lógica isolada, local. Considerando a produção científica no contexto da pesquisa de excelência nas universidades holandesas, Hendrik van Dalen (2021) buscou avaliar a relação da cultura do *publique ou perezca* com a percepção dos pesquisadores sobre a prática da ciência. No contexto investigado, a publicação foi o critério mais recorrente dentre os pesquisadores consultados para mensurar a pressão no trabalho científico (mais que atividades de ensino ou gestão, por exemplo)¹.

Através das lentes de gênero, observa-se que as métricas de avaliação de desempenho – objetivas e imparciais – não dão conta de contemplar as singularidades que as mulheres experienciam na inserção, ascensão e permanência na carreira acadêmica. As mulheres vêm obtendo maior acesso ao doutorado e aos cargos de professoras de ensino superior no Brasil nas últimas décadas (MOSCHKOVICH E ALMEIDA, 2015), contudo, a desigualdade de gênero ainda está presente. Nota-se a ausência das mulheres em cargos de liderança e nos ambientes de maior reconhecimento da ciência – como em premiações e dentre as pessoas contempladas com bolsas de produtividade em pesquisa (PQ), por exemplo (HAAG et al, 2020). Este fenômeno é o que Esther Martín-Palomino (2018) denomina de teto de cristal e de solo pegajoso, ao explicar que as mulheres estão presentes em grande número na carreira científica, mas a ascensão dessa carreira é dificultada pelas desigualdades de gênero.

Uma pesquisa quantitativa aplicada em 2017 pelo Movimento Parent in Science (PiS) com 2136 cientistas brasileiros(as) comparou o impacto da parentalidade na produtividade entre cientistas homens e mulheres, com e sem filhos. Entre as cientistas mães, 59% afirmam que a maternidade impactou na sua carreira de forma negativa e 22% entendem que a

¹ Associado a isso, ainda a partir de um panorama internacional, Hicks, Wouters e Waltman, publicaram o Manifesto de Leiden (HICKS et. al, 2015), que propõe premissas para repensarmos a avaliação da produção científica, sendo necessário considerar a relevância local de cada pesquisa. No contexto brasileiro, é importante demarcarmos que outros tipos de produção acadêmica, igualmente relevantes, são menos valorizados nas avaliações, como projetos extensionistas e organização de eventos. Ao considerarmos o papel social que o modelo universitário possui no país, essas são contribuições fundamentais para a inserção da academia na sociedade civil.

presença dos filhos repercutiu de maneira fortemente negativa em sua produtividade (MACHADO et. al, 2019, p. 41). A percepção das entrevistadas se materializa na redução significativa do número de publicações, se prolongando em média por pelo menos quatro anos após o nascimento/adoção do(a) filho(a). O gráfico a seguir relaciona a média da produção de artigos a partir da inserção da criança na rotina familiar, sendo o eixo vertical relativo ao número de publicações e o horizontal referente aos anos. É possível perceber que, em todas as áreas, a retomada da produção é lenta e dificilmente volta ao nível ponderado no máximo (ano zero).

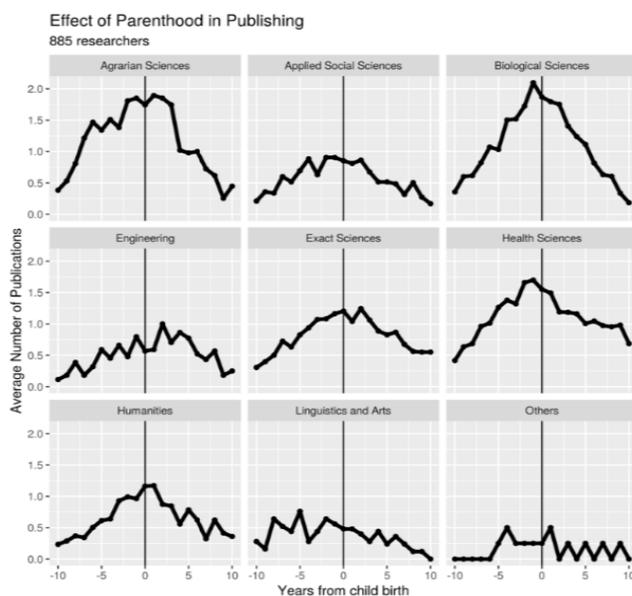


Gráfico 1 - Efeito da parentalidade na publicação. Fonte: MACHADO et. al, 2019, p. 39

As consequências dessa redução na produção entre mães cientistas são pouco (ou quase nada) problematizadas pelo sistema de avaliação científico no Brasil, que mantém os parâmetros de avaliação indistintos para as mulheres após a maternidade. De acordo com o levantamento do PiS, o resultado a médio e longo prazo fica explícito na desigualdade de gênero no período de acesso às bolsas PQ. Entre os homens, a maior parte das bolsas se

encontra no grupo com idades entre 45 e 54 anos. No caso das mulheres, a maioria das bolsistas PQ encontra-se na faixa entre os 50 e 59 anos (MACHADO et al, 2019, p. 37).

Os dados demonstram que as mulheres demoram, em média, 15 anos mais que os homens a alcançar a bolsa de produtividade no Brasil. Neste caso, é importante ponderar outros fatores atrelados ao gênero, além da parentalidade, que colaboram para esta realidade. A partir de uma perspectiva que relaciona as lógicas do campo e a cultura patriarcal em que estes atores sociais estão inseridos, é possível ponderar as consequências da dupla jornada, do trabalho do cuidado (extensivo à casa, à família e ao próprio marido), como demandas que impedem que cientistas mulheres tenham a mesma disponibilidade de se dedicar à carreira em comparação aos colegas homens. Por outra via, as próprias dinâmicas do campo científico mencionadas anteriormente são constituídas e sustentadas a partir de uma chave androcêntrica, meritocrática, avaliada a partir de critérios que desconsideram as condições desiguais de conciliação da vida pessoal e profissional entre homens e mulheres.

Quando aproximamos o olhar para o contexto da pandemia de Covid-19, os dados são mais evidentes. As desigualdades experimentadas pelas mulheres a partir da divisão sexual do trabalho, somadas às tensões e demandas provenientes do desconhecido e preocupante período pandêmico, fez com que passássemos a viver uma crise do cuidado. Neste contexto, é fundamental reconhecer que apesar da “conquista de direitos e espaços públicos, sociais e acadêmicos, subsiste a expectativa – e muitas vezes, a imposição social explícita – de que os trabalhos domésticos devem ser geridos e desempenhados pelas mulheres [...] sobrecarregando-as física, emocional e mentalmente” (ESTEVEZ E MAIA, 2021, p. 60).

Uma pesquisa quantitativa sobre a produtividade acadêmica durante a pandemia, aplicada pelo PiS com 3.629 docentes/pesquisadores de todo o Brasil em 2020, possibilitou perceber o quanto as pressões e a experiência da crise sanitária tiveram efeitos distintos entre homens e mulheres, sendo a parentalidade e a raça fatores também importantes nesta ponderação. Enquanto 84,6% dos homens sem filhos respondentes consideraram que

estavam conseguindo cumprir prazos relacionados a pareceres e solicitações de agências de fomento, o índice caiu para 66,6% entre as mulheres com filhos. No que diz respeito às publicações, 77,3% dos homens brancos sem filhos afirmou que submeteram artigos científicos conforme planejado. No pólo oposto, 46,5% das pesquisadoras negras com filhos não conseguiram cumprir as submissões de acordo com o planejado anteriormente (PARENT IN SCIENCE, 2020, online).

A discrepância no número de submissões de artigos científicos entre homens e mulheres durante a pandemia foi pautada por editores de periódicos em todo o mundo. Enquanto a produção feminina caiu, especialmente nos textos de autoria individual ou como primeiras autoras, os homens ampliaram consideravelmente o número de textos submetidos (CANDIDO E CAMPOS, 2020). Para Maria Beatriz Caruzo a alteração na rotina de trabalho provocada pelo contexto pandêmico favoreceu os homens. Enquanto as mulheres tiveram maiores dificuldades para conciliar as dinâmicas do trabalho do cuidado e a manutenção das demandas acadêmicas, os pesquisadores puderam aproveitar “a liberação de atividades presenciais, administrativas e de ensino para se dedicar mais à pesquisa científica e à publicação de trabalhos” (CARUZO, et al, 2020, p. 2).

A contextualização das dinâmicas da produtividade acadêmica, a sustentação de lógicas de excelência baseadas em critérios masculinistas e as consequências das desigualdades de gênero na carreira de pesquisadoras (em especial no período da pandemia), nos provocaram a refletir sobre estes parâmetros no campo da Comunicação. A partir destas inquietações, coletamos dados específicos dos PPGs e pesquisadores de referência em nossa área e problematizamos à luz das discussões que relacionam gênero e ciência.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E ANÁLISE

A partir desse contexto apresentado e da discussão quanto aos critérios de produtividade, partimos da hipótese que as implicações da pandemia na rotina de trabalho dos e das pesquisadoras impactam mais na produtividade das mulheres que dos homens,

especialmente em razão da desigualdade na divisão sexual do trabalho doméstico. Isto posto, a partir do levantamento das publicações de professoras e professores integrantes² dos PPGs considerados de excelência no Brasil, recuperamos dados discutidos em outro momento³ para refletir sobre os modos como as desigualdades de gênero, no campo comunicacional, podem (ou não) ser percebidas a partir de suas publicações, com a inquietação de compreender como o contexto da pandemia afetou a produtividade de pesquisadores e pesquisadoras.

A pesquisa, de viés quantitativo, foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliométrica⁴ junto às publicações em periódicos realizadas por docentes vinculados aos quatro Programas de Pós-Graduação (PPGs) em Comunicação do país com melhor qualificação na Avaliação Quadrienal 2013/2016 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes): (i) Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), qualificado com nota 6; (ii) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-PÓS/UFRJ), nota 7; (iii) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPGCOM/Unisinos)⁵, nota 6; (iv) Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF), nota 6.

A revisão bibliométrica consistiu na coleta dos artigos publicados em periódicos pelos(as) docentes desses PPGs de 2016 a 2021. Tendo em consideração os professores permanentes e colaboradores dos Programas selecionados, analisou-se a produção científica

² Foram considerados os docentes permanentes e colaboradores. Embora saibamos que as exigências de produção recaem de forma diferente sobre os dois grupos, optamos por mantê-los de modo a compor um quadro um pouco mais abrangente, o que pode ser considerado também uma limitação da análise em termos de detalhamento. Em uma futura incursão, buscaremos entender se há e quais são as diferenças de produção considerando os dois perfis.

³ Para um maior detalhamento, consultar Oliveira-Cruz, Wottrich (2023).

⁴ A coleta foi realizada manualmente e os dados foram tratados no software *R Studio*.

⁵ Programa descontinuado pela universidade em agosto/2022.

de 105 docentes, sendo 53 docentes lidas como mulheres e 52 docentes lidos como homens⁶. Dos pesquisadores avaliados, 46 são Bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ⁷), sendo 19 mulheres e 27 homens. Para compor o corpus, foram coletadas as seguintes variáveis de cada publicação: Nome do(a) docente; Sexo do(a) docente; PPG ao qual este(a) está vinculado; Ano da publicação; Bolsa PQ.

Uma vez realizada a coleta e tratamento desses dados, no período de 2016 a 2021, tivemos um total de 1172 artigos, uma média de 10,81 artigos publicados por pesquisadora e 11,51 artigos por pesquisador. A diferença não é tão grande se olharmos apenas para os números, mas ao entender o contexto de desigualdade enfrentado pelas mulheres, questionamos o esforço – e até mesmo o desgaste – das pesquisadoras para não apenas manter tais números de publicação, mas também buscar elevá-los para que publiquem e não pereçam (PRADO E FRANÇA, 2013), pois compreendemos que os números podem nos deixar otimistas, mas não dizem muito sobre a realidade das estruturas de poder e os aspectos psíquicos, sociais e políticos que envolvem a pressão para publicar. (SILVA, 2009, p.2).

Antes de analisar os dados coletados, é pertinente apontar que existe uma limitação imposta às pesquisas que se debruçam sobre os textos publicados em periódicos para refletir a produtividade científica. É que, apesar de a publicação ser o elemento chave para pontuação dos índices e avaliações acadêmicas, não há como mensurar o processo de produção como um todo. Ou seja, até a publicação final dos artigos estão incluídos os trabalhos de pesquisa, escrita, avaliação, correções (quando necessário), aceite ou recusa dos textos. Entendemos, deste modo, que o artigo publicado como forma de refletir a produtividade é sempre um dado

⁶ Frente à impossibilidade metodológica da análise a partir da autodeclaração de gênero com base nos dados secundários disponíveis, nossa análise ocorreu de modo inferencial a partir dos nomes dos pesquisadores, com consultas ao currículo lattes em alguns casos.

⁷ Para fins de referência, as bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) são concedidas a pesquisadores e pesquisadoras que se destacam no meio acadêmico; além de incentivo ao aumento de produção científica, tecnológica e de inovação de qualidade, elas têm como objetivo o reconhecimento do trabalho destes pesquisadores. Em uma escala de relevância de incentivo para a pesquisa científica, as bolsas PQ são consideradas as de mais alto nível do CNPQ.

parcial, uma vez que os trâmites anteriores, que fazem parte do processo, demandam tempo e incluem outros agentes (editores, pareceristas) não são visíveis/acessíveis no debate sobre produtividade.

Ao atentar as publicações realizadas no contexto da pandemia, tem-se que pesquisadores homens, considerando bolsistas e não-bolsistas de produtividade, obtiveram uma variação percentual de 9,4%⁸ para mais nos anos de pandemia em relação aos dois anos que a precederam. Quanto à produção científica das pesquisadoras mulheres, estas obtiveram um desempenho 6,5% menor durante a pandemia em relação aos dois anos precedentes⁹. O gráfico abaixo apresenta a progressão de produtividade de homens (M), em azul, e mulheres (F), em vermelho, no período investigado:

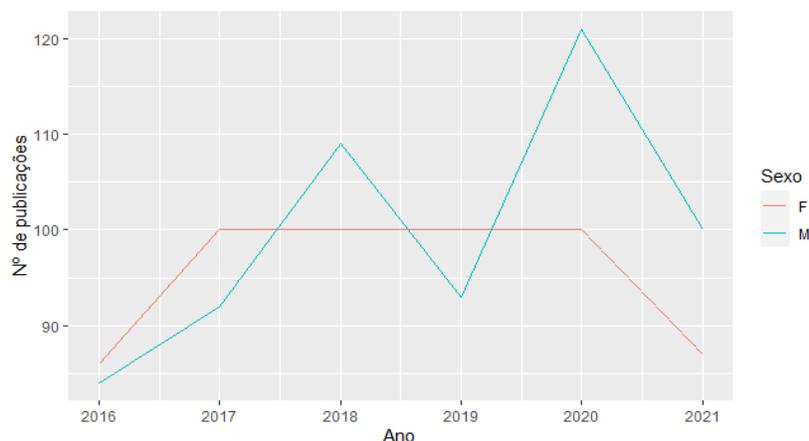


Gráfico 2 - Distribuição de publicações por sexo. Autoria e fonte nossas.

O gráfico permite observar uma constância nos artigos publicados por pesquisadoras mulheres até o ano de 2020 e, por outro lado, revela que o primeiro ano da pandemia foi o momento de maior produtividade por pesquisadores homens. Nesse sentido, entendemos ser

⁸ Esse percentual foi obtido com base na média de produção dos pesquisadores homens em 2018 e 2019 (101/ano) e da produção nos anos de 2020 e 2021 (110,5/ano).

⁹ Esse percentual foi obtido com base na média de textos publicados pelas pesquisadoras mulheres em 2018 e 2019 (100/ano) e da produção nos anos de 2020 e 2021 (93,5/ano).

interessante pontuar que no momento em que as atividades acadêmicas e administrativas presenciais foram suspensas, sendo o trabalho de ensino e pesquisa realizado majoritariamente no espaço doméstico, os homens conseguiram elevar sua produtividade científica.

Embora os dados coletados não nos permitam saber qual o percentual dos textos foram efetivamente submetidos em 2020 (pois nem todo o corpus possui datas de submissão e aprovação do manuscrito), a diferença entre mulheres e homens, que se traduz na manutenção vs. aumento elevado no número de textos publicados, nos permite inferir que há um impacto significativo do contexto pandêmico que reverbera em uma desigualdade de gênero do desempenho acadêmico dos dois grupos.

O Manifesto de Leiden (HICKS et. al, 2015) propõe premissas para repensarmos a avaliação da produção científica e, em alguns aspectos, nos levam a refletir sobre a nossa própria investigação. O primeiro dos aspectos mencionados no documento diz respeito à necessidade de associar critérios da avaliação quantitativos e qualitativos. Assim, levamos em consideração a possibilidade de ponderar os dados quantitativos (número total de artigos publicados pelos dois grupos) a partir de um viés qualitativo, nesse caso, a classificação dos periódicos em que estão publicados os manuscritos a partir do estrato Capes Qualis. A premissa da ponderação, nesse sentido, se funda na inquietação: “E se as mulheres publicaram menos, mas predominam nas revistas de maiores estratos?”. A partir da análise, observamos que o cenário não mudou. Ou seja, quando sistematizados em relação às publicações de maior classificação (revistas A1, A2 e B1) os dados se mantêm estáveis, sendo os homens a maioria dos autores nos estratos mais elevados.¹⁰

Propondo novamente uma comparação entre a produção de pesquisadores homens e pesquisadoras mulheres antes e depois da pandemia, vale atentarmos para o trabalho dos bolsistas e das bolsistas de produtividade. Tendo em consideração os artigos publicados por

¹⁰ Em periódicos avaliados em A1 (conforme a avaliação 2013-16), foram 7 artigos publicados nos quais o autor principal era homem e 5 com autoras principais mulheres. No A2, foram 137 de homens e 132 de mulheres. Já no B1, 203 tinham como autor principal um pesquisador homem e em 188 a autora principal era mulher.

homens bolsistas de produtividade durante a pandemia, foi identificada uma variação percentual de aproximadamente 2,5% para mais em relação ao número de textos publicados nos anos que precederam a pandemia de COVID-19¹¹. Quanto à produção acadêmica das pesquisadoras com bolsa PQ nos dois anos de pandemia, têm-se que as pesquisadoras PQ obtiveram um desempenho 10,6% inferior ao apresentado nos dois anos que precederam a pandemia¹². A variação na produção científica, por sexo, de bolsistas PQ é apresentada no gráfico abaixo:

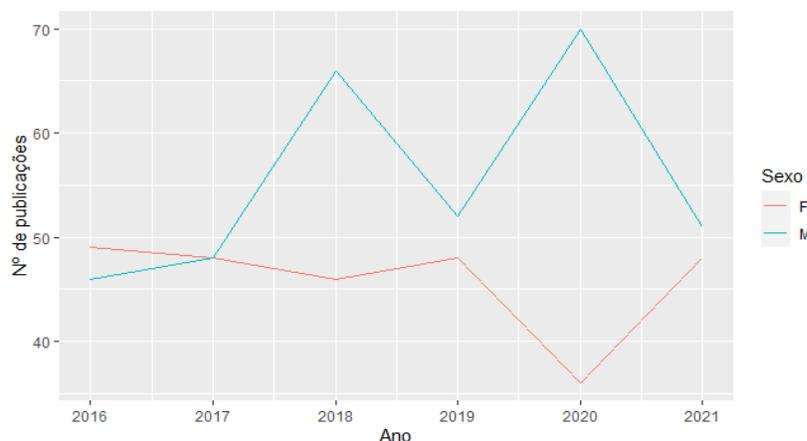


Gráfico 3 - Distribuição de publicações de bolsistas PQ por sexo. Autoria e fonte nossas.

Quando analisamos a média de artigos publicada por cada pesquisador/pesquisadora antes e depois da pandemia, tem-se que antes os pesquisadores homens publicaram 3,1% mais artigos por ano que as pesquisadoras mulheres. Durante a pandemia, os pesquisadores homens passaram a publicar aproximadamente 17% mais artigos que as pesquisadoras mulheres. Em relação aos bolsistas PQ, tem-se que nos anos que precederam a pandemia, as

¹¹ Em 2018 e 2019, os homens bolsistas PQ publicaram, em média, 59 artigos por ano. Em 2020 e 2021, eles publicaram, em média, 60,5 artigos por ano.

¹² Em 2018 e 2019, as mulheres bolsistas PQ publicaram, em média, 47 artigos por ano. Em 2020 e 2021, elas publicaram, em média, 42 artigos por ano.

mulheres bolsistas publicavam 11,7% mais artigos que os bolsistas homens, contudo, com o início da pandemia, passaram a publicar 1,3% menos artigos.

Os dados corroboram com o argumento de que as consequências da pandemia “não podem ser pensadas a partir da perspectiva de um sujeito universal” (SANTOS E BARBOSA; 2021, p. 12). A diminuição do número de publicações das mulheres concomitante ao aumento significativo da publicação masculina no campo da Comunicação reflete a precarização do trabalho feminino na ciência em diálogo com uma lógica androcêntrica no campo acadêmico, que reflete a histórica divisão sexual do trabalho na sociedade e sustenta a desigualdade entre homens e mulheres nos campos profissionais e na vida pessoal.

A dicotomia entre o trabalho público e o privado atribuiu o trabalho doméstico às mulheres e o trabalho intelectual aos homens (ARENDRT, 1998). No contexto científico, onde as mulheres também protagonizam o trabalho de investigação e produção intelectual, os sistemas de avaliação e as próprias dinâmicas do campo não consideram a carga de trabalho extra que as mulheres acumulam a partir do trabalho doméstico nas discussões sobre ascensão e permanência nas carreiras científicas e os parâmetros balizadores da produtividade.

As métricas de avaliação da excelência e da produtividade acadêmica no Brasil não somente não contemplam as múltiplas realidades dos pesquisadores e das pesquisadoras do país, como também perpetuam essa discrepância. Com a fusão de demandas profissionais, pessoais e domésticas (no sentido físico e temporal), no contexto da pandemia, essa disparidade torna-se ainda mais visível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que retomar dados ou instituir conclusões, chegamos ao final deste texto como quem tira uma fotografia de um instantâneo de trânsito. E com a impressão de que o retrato que mostramos, entre os tantos enquadramentos perversos vividos na esteira do cenário político, econômico e social brasileiro recente, não é dos mais animadores. A lógica

neoliberal de racionalidade e produtividade se faz presente na configuração do campo científico, o que não é uma novidade. No entanto, ao debater a questão da produtividade e da excelência científica pelo viés de gênero, identificamos nuances até então pouco reconhecidas, pelo menos no campo comunicacional.

Partimos do pressuposto da existência de uma lógica produtivista, guiada por um imperativo ditatorial (PRADO E FRANÇA, 2013) na constituição dos subcampos científicos. Na Comunicação, angulamos nossa visão para observar de que modo esse processo se realizava nos Programas de Pós-Graduação considerados de referência, com foco nas publicações em periódicos. O que encontramos, ao analisar a produção do corpo docente dos PPGs no período de 2016 a 2021, foi que os pesquisadores são “mais produtivos” do que as pesquisadoras, disparidade que se torna maior quando analisada a produção somente dos bolsistas PQ.

Quando a análise é direcionada à produção no contexto da pandemia, essas diferenças tornam-se agudas e há um evidente crescimento na participação masculina nas produções realizadas nos PPGs, enquanto as mulheres passam a publicar menos. Não se trata meramente de um indicativo numérico, afinal, a publicação em periódicos amplia a “relevância nesse contexto por ter peso substantivo nos atuais sistemas de avaliação do desempenho de pesquisadoras/es, que influencia não só as possibilidades de se encontrar um emprego, como também de conquistar financiamento de projetos e visibilidade acadêmica.” (CANDIDO E CAMPOS, 2020, online). Nos critérios atualmente estabelecidos, publicar menos significa, no fim das contas, ter menor possibilidade de inserção e ascensão profissional.

É interessante pontuar que no contexto pandêmico o Sistema Nacional de Pós-Graduação no Brasil (orientado pela Capes, fundação vinculada ao Ministério da Educação) não flexibilizou os parâmetros de produção para pesquisadores junto aos seus Programas de Pós-Graduação, sendo concedidos apenas a suspensão e/ou ampliação de alguns prazos de relatórios e bolsas. A métrica produtivista da submissão de artigos, principal moeda de troca na lógica produtivista acadêmica, continuou em voga, tornando-se mais rentável para aqueles

que conseguiram se adequar à lógica vigente. Afinal, como esquecer o slogan “O Brasil não pode parar”, tão nocivo e representativo do nosso momento político em um período de calamidade? Pesquisadores e pesquisadoras brasileiros não puderam parar, estando aprisionados em uma lógica contraditória, porque constituída e criticada pelos próprios pares (MOURA E CRUZ, 2020). Elas, contudo, sentiram de forma mais contundente as consequências deste cenário.

Os dados apresentados evidenciam que o subcampo científico da Comunicação junta-se às estatísticas de outras pesquisas que, com metodologias diversas, apontam para o mesmo quadro: para a crise do cuidado e a sobrecarga física, mental e intelectual a que as mulheres pesquisadoras foram submetidas, especialmente no período pandêmico (ESTEVES E MAIA, 2021). Uma crise que se origina de uma expectativa historicamente forjada em torno da atuação feminina no espaço privado, mas sustentada pela ausência de políticas públicas que incidam para modificar esse cenário.

Considerando que “[...] não há conhecimento implicado na consecução de um projeto democrático enquanto houver cientista dedicado à garantia e à manutenção de privilégios” (ROCHA, 2018, p. 140), cabe refletir sobre a configuração dos critérios de excelência lastreados no produtivismo e de que modo eles podem criar barreiras à inserção e continuidade das mulheres na carreira científica.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária. 1998.

BASCHET, Jérôme. **Covid 19: o século XXI começa agora**. Disponível em: <https://www.n-ledicoes.org/textos/50> Acesso em jul 2021.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: Ortiz, Renato (org.). **Coleção grandes cientistas sociais**. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. **Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres**, Blog DADOS, 2020 [publicado em 14 de

maio de 2020]. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>.

CARUZO, Maria Beatriz et al. Maternity, science and pandemic: an urgent call for action! **Hoehnea**. v 47, n. 1, 2020: pp. 1-3.

CNPQ. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**, 2021. Visualizar: RN-028/2015 - Bolsas Individuais no país. Disponível em: <http://memoria2.cnpq.br/view//journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/2958271?COMPANY_ID=10132#PQ>. Acesso em: 11 ago. 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

ESTEVES, Lorena; MAIA, Lia. Trabalho doméstico não remunerado e a crise do cuidado: uma visão feminista sobre os efeitos da Covid-19. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**. V. 7, n.1, pp. 58-74, 2021.

GÓES, Juliana. Ciência sucessora e a(s) epistemologia(s). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n 1, pp 1-11, 2019.

HAAG, Antônia et al. **Lugar de mulher é na ciência: um estudo acerca da desigualdade de gênero na ciência da comunicação**. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020. IJ07 – Intercom Júnior – Comunicação, Espaço E Cidadania, 2020.

HICKS, Diana et al. Bibliometrics: The Leiden Manifesto for research metrics. **Nature**, v. 520, p. 429–431, 2015.

LOPES, Maria Margaret. “Aventureiras” nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 10, p. 345–368, 2012.

MARTÍN-PALOMINO, Esther. Redes, sororidad y techo de cristal. In: GONZÁLEZ RAMOS, A.M. **Mujeres en la ciência contemporánea: la aguja y el camello**. Barcelona: Icaria, 2018, p. 133.

MELO, Hildete Pereira de; OLIVEIRA, André. Barbosa. A produção científica brasileira no feminino. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 27, p. 301-331, 2006.

MOSCHKOVICH, Marília; ALMEIDA, Ana Maria F. Desigualdades de gênero na carreira acadêmica no Brasil. **Dados**, v. 58, n. 3, p. 749-789, 2015.

MOURA, Aline; CRUZ Andreia. Ensino Superior e produtividade acadêmica em tempos de pandemia. **Revista Interinstitucional de Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 6. n especial, 2020, p. 222-224.

OLIVEIRA, Thaianne Moreira de et al. Acabou o Quadriênio, e agora? Alguns desafios em relação à avaliação de periódicos na área de comunicação. **E-Compós (BRASÍLIA)**, v. 23, p. 1-18, 2020.

OLIVEIRA-CRUZ, M. F. de; WOTTRICH, L. Desigualdades de gênero no subcampo científico da comunicação: o teto de vidro no quintal. **MATRIZES**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 141-163, 2023. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v17i1p141-163. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/192431>. Acesso em: 18 set. 2023.

PARENT IN SCIENCE. **Produtividade Acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade**. Relatório de Pesquisa. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2ApPHI0>

PATRUS, Roberto; DANTAS, Douglas; SHIGAKI, Helena. **O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares?** CADERNOS EBAPE.BR (FGV), v. 13, p. 1-18, 2015.

PRADO, José Luiz Aidar; FRANÇA, Vera Regina Veiga. Comunicação como campo de cruzamentos, entre as estatísticas e o universal vazio. **Questões Transversais**, v. 1, p. 3-9, 2013.

ROCHA, Rose de Melo. As razões do produtivismo: fricções intelectuais e capitalismo ficcional. **Galáxia (PUCSP)**, p. 136-149, 2018.

SILVA, Antonio Ozaí da. Produtivismo no campo acadêmico: o engodo dos números. **Espaço Acadêmico**, v.9, n. 100, p.1-5, Set. 2009.

VAN DALEN, Hendrik P. How the publish-or-perish principle divides a science: the case of economists. **Scientometrics** 126, 1675–1694, 2021.

VASSALLO DE LOPES. Sobre o estatuto disciplinar do campo da comunicação. In: LOPES, M. I. V.(Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

VELHO, Lea; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 10, p. 309–344, 2012.

WOTTRICH, Laura. Travessias Metodológicas na Prática de Pesquisa em Comunicação. In: BONIN, Jiani; SAGGIN, Lívia. (Org.). **Investigação crítica em comunicação**: construções epistêmicas, teóricas e metodológicas. 1 ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, v. 1, p. 199-21.

ZANDONÁ, Claudiane, et al. Produtivismo acadêmico, prazer e sofrimento. **Erechim**, v. 38, n.144, p. 121-130, dez. 2014.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

WOTTRICH, Laura; OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; HAAG, Antonia; BRUM, Nathália da Silva. Publicar, perecer: o impacto da pandemia na produção científica das mulheres no campo da comunicação. **Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 19, pp. 18-39, 2023.